

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE

dirigido por Robert Audi

ISBN 85-349-2357-4 (Ed. original). Tradução de João Paixão Netto; Edwino Aloysius Royer et al. São Paulo: Paulus, 2006. 1020 pp.

Um caso

Em 2006, a lista de dicionários de Filosofia disponíveis no mercado editorial brasileiro foi ampliada com a publicação, pela editora Paulus, do *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. Trata-se de uma tradução, coordenada pelos professores João Paixão Netto e Edwino Aloysius Royer, realizada a partir da segunda edição do original inglês.

Logo na sua primeira edição em língua inglesa, datada de 1995, o *Dicionário de Filosofia de Cambridge* destacava-se das demais obras de referência, existentes na época, em virtude do audacioso projeto que animava sua realização, qual seja: elaborar, em um único volume, uma obra *filosófica* de referência, atenta para a interdisciplinaridade do diálogo da Filosofia com outros campos do saber e aberta a experiências intelectuais para além da Filosofia ocidental. Para concretizar um tal projeto, 381 especialistas, sob a coordenação de Robert Audi (pseudônimo de Charles J. Mach, professor de Filosofia na Universidade do Nebraska, Lincoln) trabalharam na produção de milhares de verbetes, que abar-

cam aproximadamente 4.000 conceitos e filósofos. Dentre as novidades trazidas por essa publicação, sublinha-se a grande quantidade de palavras por verbete, a inclusão de um apêndice com símbolos lógicos e notações especiais da Filosofia e a criação de verbetes enfocando os aspectos centrais do pensamento de importantes filósofos.

Publicada em 1999, a segunda edição original do *Dicionário de Filosofia de Cambridge*, que serviu de base para a tradução brasileira, mantém grande parte da estrutura da primeira edição, expandindo, porém, os verbetes primitivos e acrescentando ao conjunto deles aproximadamente 400 novos verbetes. Além disso, a nova edição adiciona numerosas referências cruzadas, aumenta a Lista de Nomes, cria verbetes para um seleto grupo de filósofos vivos acima de sessenta anos e amplia a cobertura da chamada Filosofia Continental e de alguns subcampos da Filosofia que conheceram um desenvolvimento rápido, no final dos anos 90, como é o caso da Filosofia da Mente e das Ciências Cognitivas. Tantas e tão significativas modificações exigiram a ampliação do quadro de colabo-

radadores em 60 novos especialistas, dos quais cerca de 30 são provenientes de fora da América do Norte.

Uma questão

Se, como pensava o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), a Filosofia é a disciplina que consiste em inventar, em criar conceitos sempre novos, então cabe a questão: um Dicionário de Filosofia é ele mesmo filosófico, como pretendia o projeto do *Dicionário de Filosofia de Cambridge*? Em outras palavras, um Dicionário de Filosofia é mais profunda? Interpretações, atribuição de sentidos.

Mas se os próprios conceitos dicionarizados já são interpretações, então o dicionarista interpreta a interpretação. Nada de significado original, apenas um jogo interminável de interpretações que remetem a novas interpretações, eis um Dicionário.

Longe de nos revelar a definição dos conceitos, um Dicionário de Filosofia nos estabelece em um lugar, a saber: o lugar do seu autor. Por isso, todos os Dicionários são insuficientes, já que eles somente multiplicam infinitamente as perspectivas, as interpretações.

No caso do *Dicionário de Filosofia de Cambridge*, grande parte dos especialistas responsáveis pela redação dos verbetes se insere na chamada tradição analítica, herdeira das reflexões sobre a lógica e a linguagem empreendidas, dentre outros, por Carnap, Austin, Russell, Moore, Ayer e Wittgenstein. Talvez isso

o Dicionário de Filosofia cria conceitos novos? Ou, ao contrário, ele simplesmente expõe os conceitos criados por outrem?

Um Dicionário é uma obra, uma criação. Dessa forma, perguntar-se por um Dicionário é, antes, perguntar-se por seu autor ou por seus autores. Quem dicionariza? Quem repertoria? A pergunta ontológica “o que é?” é substituída pela pergunta “quem é?”. Sob a camada superficial da coletânea de conceitos, há outra instância da qual a primeira depende, pois a territorializa. O que existe nessa

possa explicar a reduzida extensão dos verbetes dedicados a autores de outras tradições, como Michel Foucault e Derrida, se comparada a dos verbetes Carnap, Frege e Wittgenstein.

Nenhum dicionário basta! Todos os dicionários não bastam! Sem prescindir destes mapas conceituais, o trabalho filosófico fundamental é cada um criar seus próprios conceitos.

Fábio Luís Franco, USP